

# Encontro PIBID ULBRA



## IDENTIDADE E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NOS ANOS INICIAIS

Jo Rubim Nobre<sup>1</sup>

Lisiane Gazola Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O planejamento e execução desse trabalho partiu da necessidade de se trabalhar com os alunos a desconstrução de conceitos relacionados às diferentes etnias, principalmente as de matrizes Africanas. Os dados obtidos a partir de livros relacionados ao assunto, artigos acadêmicos e também portais educativos, buscando aprimorar a prática pedagógica para ser aplicada com os alunos, de forma sutil e com efeitos positivos.

**Palavras Chaves:**diversidade; etnia; raça; pluralidade; cultura.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente documento tem por objetivo, compartilhar uma amostra do projeto educativo voltado à pluralidade cultural, com ênfase na questão étnico-racial e que vem sendo realizado com os alunos participantes das aulas ministradas por Jo Rubim Nobre, acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Luterana do Brasil, Campus Guaíba e bolsista no Programa Instituição de Bolsas de Iniciação à Docência, PIBID, na escola municipal de ensino fundamental Santa Rita de Cássia, cidade de Guaíba/RS. Desde muito cedo, a criança convive com mensagens subliminares que reforçam a ideia de uma padronização nos costumes, valores e até mesmo de etnia. BENTO (2012) afirma que certas práticas docentes contribuem para reforçar os estereótipos de beleza e de uma cultura predominante. Assim, desde muito cedo, já na Educação Infantil, a criança já se encontra submersa nesse processo de sujeição, onde o negro é subentendido como algo negativo, feio, ruim e como sendo o diferente. Isso afeta inclusive a própria criança negra, que passa a não se sentir pertencente à sua etnia. BENTO ainda diz que

(...) a socialização que se inicia na família e se amplia com o convívio escolar, ao invés de ser uma experiência positiva no desenvolvimento da criança negra, acaba sendo um fator negativo na constituição de sua auto-imagem. E o silêncio que envolve a questão racial nas diversas instituições sociais favorece que se entenda a diferença como desigualdade, como desvio, como anormalidade. (BENTO, 2012, p.56)

---

<sup>1</sup>Acadêmica no Curso de Pedagogia, da ULBRA GUAÍBA/RS. E-mail: jonobre@outlook.com.

<sup>2</sup>Coord. Área Subprojeto Pedagogia. E-mail: lisigazola@yahoo.com.br

Partindo desse pressuposto é que se entende o quão importante é preparar o aluno para as práticas sociais harmoniosas, desconstruindo e reconstruindo os conceitos que permeiam a hierarquização de uma certa etnia em detrimento de outra. Ainda que o preconceito racial não se manifeste de forma explícita em sala de aula, muitas vezes ele aparece discretamente em atitudes que geram desconforto e mal-estar, de forma subjetiva, quando por exemplo um colega se recusa a sentar-se ao lado de outro apenas por conta de sua pele.

## **2. METODOLOGIA**

Por entender que o conceito de pluralidade cultural é muito amplo, este projeto pode ser considerado em andamento, tendo sido a sua primeira etapa já concluída, onde procurou-se trabalhar as relações étnico-raciais. A metodologia consistiu principalmente em rodas de conversa, buscando investigar os prévios conhecimentos de cada aluno acerca do assunto. Na primeira aula foi confeccionada a “Carteira de Identidade”, onde os alunos puderam personalizar, assinar, imprimir suas digitais do polegar e terem suas fotos coladas. Na sequência, os alunos fizeram a leitura do poema “Como é bom ser diferente”, do compositor Marcelo Ressalva, ouviram a versão musicalizada e puderam cantar junto. Outro momento lúdico foi a criação dos “Fantoches da Diversidade”, onde cada aluno recebeu prévias características, podendo agregar outras também de sua preferência à confecção do fantoche de papel. Alguns materiais foram distribuídos, tais como cola, lápis de cor, tesoura, papel crepom e outros papéis coloridos, para aguçar a criatividade e imaginação de cada um deles. Os educandos construíram ainda a sua árvore genealógica, a partir do conhecimento de cada sobre seus familiares. Para aqueles que desconheciam as informações, uma ficha de entrevista foi entregue, propiciando um momento de interação entre pais e filhos, para que esta fosse devolvida devidamente preenchida, com informações, tais como os nomes dos pais, avós e irmãos, características físicas do aluno relacionadas às dos seus pais. Foi solicitado também que, se possível, eles trouxessem uma imagem da família, junto à ficha. Com estas imagens, foi elaborado um painel, destacando as diferentes características culturais, genéticas e raciais. Aos que não trouxeram, foi solicitado que participassem da elaboração do painel, pintando e desenhando. Uma conversa informal serviu como complemento à atividade, onde as diferenças foram exaltadas, bem como a importância do respeito a elas. Como elemento agregador, os alunos ouviram a história “Menina bonita do laço de fita”, sob forma de leitura dramatizada, utilizando-se fantoches confeccionados exclusivamente para tal atividade. Após, aproveitou-se para levantar os questionamentos sobre o desejo do personagem Sr. Coelho, que tinha curiosidade em saber a origem da cor da menina do laço de fita, que por sua vez era negra. Um mapa mundi serviu para mostrar aos alunos os diferentes continentes e a origem

das diferentes etnias que povoaram e contribuíram para a miscigenação do Brasil. Uma ênfase maior foi dada ao continente africano, desmistificando a ideia de que nesse continente há apenas negros, ressaltando as regiões e algumas semelhanças, como o caso da angola que se aproxima do Brasil pelo idioma, ainda que com suas peculiaridades. Foi abordada de forma introdutória a chegada dos negros escravizados no Brasil, como quesito importante para que se entendesse o povoamento desta etnia no país, além de citar-se o preconceito que muitos sofrem até hoje, simplesmente por conta de sua etnia.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este projeto foi realizado com alunos do terceiro ano do ensino fundamental, na faixa etária dos oito anos, tendo como foco, ressaltar a importância do respeito às diferenças e a desconstrução de uma etnia superior e/ou padrão, visando a valorização da autoimagem de cada aluno. Os resultados obtidos nesse primeiro momento foram extremamente úteis e satisfatórios, a começar pela atividade da carteira de identidade, que destacava o quanto as diferenças contribuíam para o nosso enriquecimento cultural. Outra atividade que vale citar, é a da construção da árvore genealógica. Pôde-se perceber que pouquíssimos alunos tinham conhecimento dos nomes de seus avós e até pais, como o caso de um aluno que conhecia seu avô apenas por “*nono*”. Voltar a atenção deles para as suas raízes, fatores genéticos determinantes, propiciou descobertas para algo que passava tão despercebido, trazendo-lhes uma outra perspectiva de sua constituição enquanto sujeitos e indivíduos. O painel elaborado em coletivo, serviu para exercitar a cooperatividade, uma vez que as diferenças ali eram o fator diferencial e enriquecedor do trabalho e somavam para o resultado final proposto. A contação de história gerou grandes assuntos, relatos de experiências, de acordo com as vivências dos alunos, com destaque para o caso de um dos alunos, não por acaso morador de um assentamento, e que se mostrou evidentemente conturbado ao saber que mesmo nos dias atuais, pessoas sofrem preconceito racial por serem negras ou afrodescendentes. Sua reação fundamenta-se em suas vivências, uma vez que em comunidades de assentamento é comum o respeito às diversas etnias, enquanto que em outros meios sociais, esse conceito tende a ser naturalizado por conta de uma padronização étnico-racial exaltada pela mídia e pela própria comunidade.

### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Feitas as análises, pode-se concluir que, abordar as diferenças étnico-raciais é imprescindível e que deve abordado desde a Etapa da Educação Infantil. O professor não pode e nem deve aceitar qualquer conduta que induza ao preconceito étnico. Mesmo que não se perceba em sala de aula a agressão com gestos e insultos voltadas para esta questão, o tema

não deveria deixar de ser abordado, até mesmo como forma de prevenção. Cabe ressaltar também que é através do trabalho realizado pelo PIBID nas escolas que muitas crianças estão tendo a oportunidade de receber uma instrução a mais que a seguirá para toda sua vida, como esses temas extracurriculares que dificilmente são trabalhados no currículo ao decorrer do ano, ou seja, esse trabalho é fundamental para a construção do cidadão que almejamos para o nosso futuro, enquanto que para nós, pesquisadores, é de grande enriquecimento poder unir a teoria à prática, colhendo os resultados produtivos e significativos.

## **REFERÊNCIAS**

BENTO, Maria Aparecida da Silva (org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Identidades sociais, Letramento Visual e Letramento crítico: Imagens na mídia acerca de raça/etnia. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132012000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132012000100010). Acesso em 06/05/2016.